



**Universidade Federal de Santa Catarina**

**CENTRO TECNOLÓGICO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

**DISCIPLINA: ARQ1001 – METODOLOGIA CIENTÍFICA APLICADA (2012/3)**

**PROFESSORA: DRA. SONIA AFONSO**



# **MANUAL DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt**

**Alunas: Aniara Bellina Hoffmann  
Clarissa Armando dos Santos  
Érica Monteiro**

**Franciele Fantini  
Giseli Zuchetto Knak**

## AUTORES RAYMOND QUIVY E LUC VAN CAMPENHOUDT

**Raymond Quivy** é doutor em ciências políticas pela Universidade Católica de Louvain (UCL), ele é professor na Universidade Católica de Mons (FUCAM). Ensina metodologia da pesquisa em ciências sociais.

**Luc Van Campenhoudt** - 04 de julho de 1947 em Schaerbeek (Bruxelas, Bélgica) é um sociólogo belga, diretor do Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Faculdades de Saint-Louis (Bruxelas) e professor da Universidade Saint-Louis e da Universidade de Louvain. O seu trabalho incide sobre a criminalidade e insegurança.

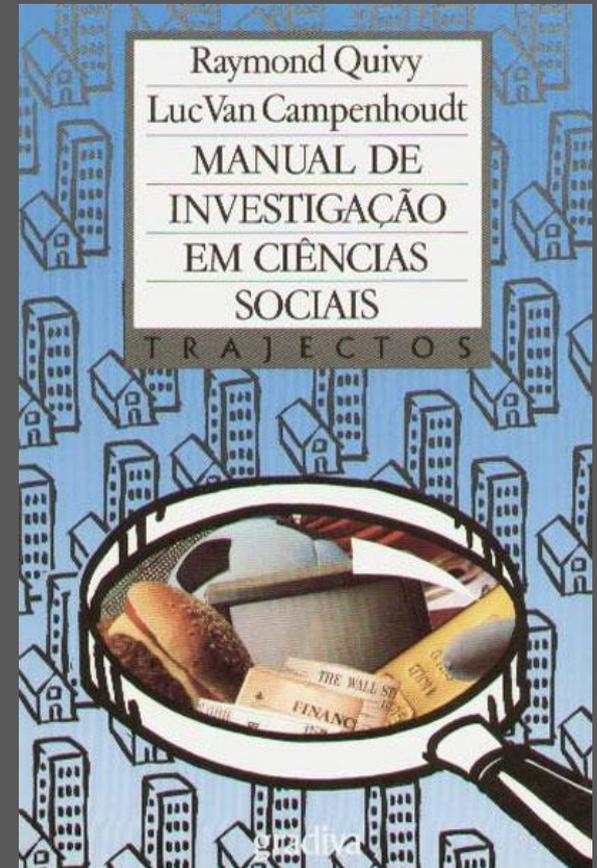


Figura 01: Capa do livro.

Recolher informações...

... e escolher o melhor método de fazê-lo.

Questionário

Pedagógico;  
Prático;  
Formal.

Entrevista

Flexível;  
Profunda;  
Informal.

	Questionário
<b>Apresentação</b>	Série de perguntas fechadas, dirigida a um conjunto representativo de indivíduos, visando verificar uma hipótese.
<b>Variantes</b>	Administração direta x Administração indireta.
<b>Adequado para</b>	Conhecimento de populações e fenômenos muito grandes.
<b>Principais vantagens</b>	Obter representatividade ao lidar com dados múltiplos e numerosos.
<b>Limites e condições</b>	Respostas superficiais e individualizadas. Exige: <ul style="list-style-type: none"><li>• Rigor na escolha das amostras;</li><li>• Formulação clara e unívoca das perguntas;</li><li>• Correspondência entre os universos de referências perguntas/entrevistados;</li><li>• Atmosfera de confiança;</li><li>• Honestidade e consciência profissional dos entrevistados.</li></ul>
<b>Formação exigida para a análise do conteúdo (métodos complementares)</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Técnicas de amostragem;</li><li>▪ Redação, codificação e explicitação das perguntas;</li><li>▪ Gestão de redes de entrevistadores;</li><li>▪ Programas informáticos;</li><li>▪ Estatística descritiva e análise estatística dos dados.</li></ul>



	Entrevista		
<b>Apresentação</b>	Série de perguntas abertas, dirigidas em contato direto com o interlocutor, visando verificar uma hipótese.		
<b>Variantes</b>	Semi-dirigida Perguntas-guias	Centrada Experiência precisa	Em sessões Pormenorizado
<b>Adequado para</b>	Análise do sentido das práticas, acontecimentos ou problemas específicos atuais ou reconstituição.		
<b>Principais vantagens</b>	Obter informações ricas e matizadas, autênticas e profundas		
<b>Limites e condições</b>	Flexibilidade inibe uns, distrai outros e não permite ao entrevistador avaliar a competência de sua própria técnica. Exige: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Manter o entrevistador à vontade, mas à cerca do tema;</li> <li>- Entender que as respostas dependem da relação com o entrevistador.</li> </ul>		
<b>Formação exigida para a análise do conteúdo (métodos complementares)</b>	Conhecimento teórico e prático de comunicação e interação interpessoal (psicologia social); Formação prática e teórica nas técnicas de entrevista.		



## Referências bibliográficas



### Questionário

- BERTHIER, N., e BERTHIER, F. (1978), *Le sondage d'opinion*, Paris, Entreprise moderne d'édition, Librairies techniques e Les éditions ESF, col. «Formation permanente en sciences humaines».
- GHIGLIONE, R. (1987), «Questionner», in A. Blanchet et al., *Les techniques d'enquête en sciences sociales*, Paris, Dunod, pp. 127-182.
- GHIGLIONE, R., e MATALON, B. (1978), *Les enquêtes sociologiques. Théories et pratique*, Paris, Armand Colin.
- JAVEAU, Cl. (1992), *L'Enquête par questionnaire*, Bruxelles, Éditions de l'Université de Bruxelles, Paris, Les Éditions d'Organisation.

### Entrevista



- BLANCHET, A., et al. (1985), *L'Entretien dans les sciences sociales. L'Écoute, la parole et le sens*, Paris, Dunod.
- BLANCHET, A. (1987), «Interviewer», in A. Blanchet et al., *Les techniques d'enquête en sciences sociales*, Paris, Dunod, pp. 81-126.
- FERRAROTTI, E. (1983), (1981), *Histoire et histoires de vie. La méthode biographique dans les sciences sociales*, Paris, Méridiens Klincksieck.
- MERTON, R. K., FISKE, M., e KENDALL, P. L. (1956), *The Focused Interview*, Illinois, The Free Press of Glencoe.
- PAGÈS, M. (1970), *L'Orientation non-directive en psychotérapie et en psychologie sociale*, Paris, Dunod.
- PENEFF, J. (1990), *La méthode biographique. De l'école de Chicago à l'histoire orale*, Paris, Armand Colin.
- ROGERS, C. (reed. 1980) (1942), *La relation d'aide et la psychothérapie*, Paris, ESF.

## 4.3 A OBSERVAÇÃO DIRETA

- a) **Apresentação:** método baseado na observação visual. Há a captura de comportamentos no momento em que eles se produzem, sem a mediação de um documento ou de um testemunho. O campo de observações depende dos objetivos do trabalho e das hipóteses de partida.
- b) **Variantes:**
- |   |  |
|---|--|
| Observação participante de tipo etnológico<br>(participando na vida coletiva da comunidade) | Observação não participante<br>(observa “do exterior”) |
|---|--|
- c) **Objetivos para os quais o método é especialmente adequado:** à análise do não-verbal e daquilo que ele revela: as condutas instituídas e os códigos de comportamento, a relação com o corpo, os modos de vida e os traços culturais, a organização espacial dos grupos e da sociedade.
- d) **Principais vantagens:** apreensão dos comportamentos e dos acontecimentos no momento em que se produzem. Coleta de material de análise relativamente espontâneo. Autenticidade relativa dos acontecimentos em comparação com as palavras e com os escritos (fáceis de “manipular”).
- e) **Limites e problemas:** dificuldade para se ser aceite como observador pelos grupos em questão. O problema do registro (transcrição após a observação). O problema da interpretação das observações.
- f) **Métodos complementares:** método da entrevista.
- g) **Formação exigida:** A prática: aprende-se a observar...observando.

#### 4.4 A RECOLHA DOS DADOS PREEXISTENTES: dados secundários e dados documentais

- a) **Apresentação:** recolher documentos na busca de testemunhos sobre um conflito social. O investigador pode necessitar de dados macrossociais, que apenas organismos oficiais tem condições de colher (oferecerem dados abundantes e dignos de confiança, que os pesquisadores não poderiam recolher sobre si próprios).
- b) **Variantes:**
- |                               |  |                         |
|-------------------------------|--|-------------------------|
| Recolha de dados estatísticos | Recolha de documentos de forma textual (organismos públicos e privados ou de particulares) | Documentos audiovisuais |
|-------------------------------|--|-------------------------|
- c) **Objetivos para os quais o método é especialmente adequado:** análise dos fenômenos macrossociais, demográficos, sócio-econômicos; análise das mudanças sociais e do desenvolvimento histórico dos fenômenos sociais sobre os quais não é possível recolher testemunhos diretos ou para cujo estudo estes são insuficientes; análise da mudança nas organizações.
- d) **Principais vantagens:** economia de tempo e dinheiro, evitar o recurso abusivo às sondagens e aos inquéritos por questionários, a valorização do material documental.
- e) **Limites e problemas:** nem sempre é possível o acesso aos documentos. Mesmo ocorrendo o acesso não se pode divulgar as informações. Deve-se averiguar se o procedimento é ou não viável. Os dados devem ser submetidos a manipulações, destinadas a apresentá-los nas formas exigidas para a verificação das hipóteses.
- f) **Métodos complementares:** entrevistas e observação.
- g) **Formação exigida:** Dados estatísticos: formação em estatística descritiva . Documentos de forma textual: formação em crítica histórica.

## RESUMO DA QUINTA ETAPA

### A OBSERVAÇÃO

Compreende o conjunto das operações através das quais o modelo de análise é confrontado com dados observáveis.

#### Observar

*O quê?*

Dados úteis à verificação das hipóteses.

*Em quem?*

O conjunto da população considerada, ou somente uma amostra representativa ou significativa dessa população.

*Como?*

1) Um questionário de inquérito, uma guia de entrevista ou uma grelha de observação direta (instrumentos para testar hipóteses).

2) Assegurar-se de que o grau de adequação e de precisão é suficiente (testar o instrumento de observação).

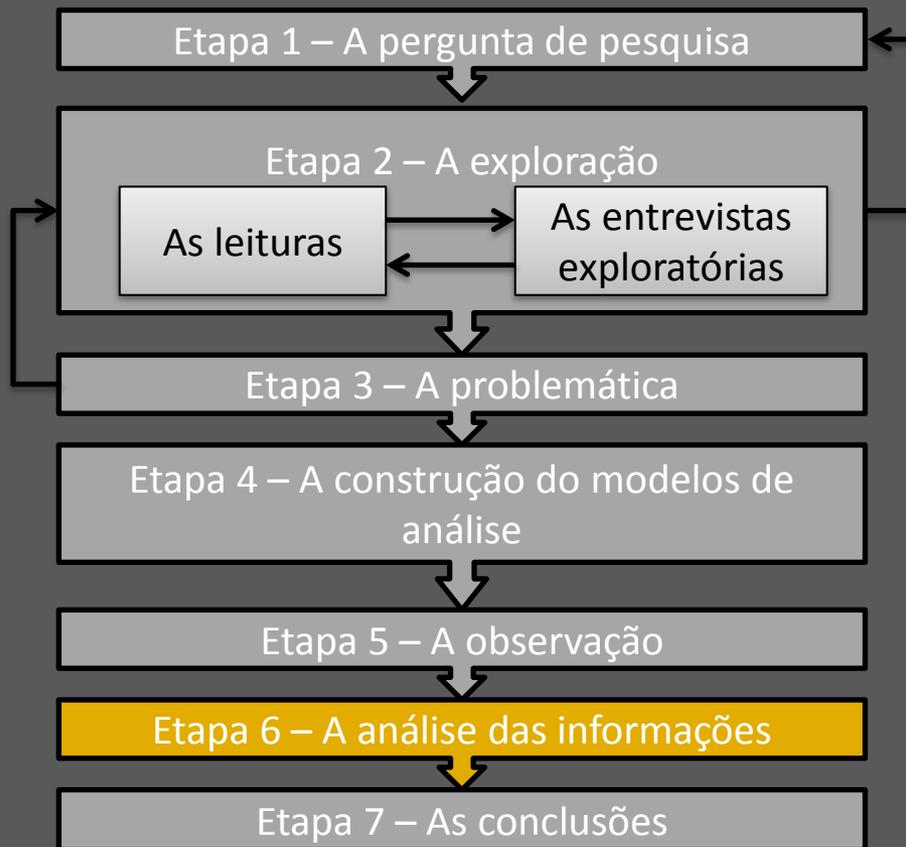
3) Aplicação e recolha dos dados.

Além da recolha de informações, é importante a maneira como a obtenção de informações é realizada permitindo aplicar-lhes posteriormente o tratamento para à verificação das hipóteses.

## SEXTA ETAPA A ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

### OBJETIVOS

#### AS ETAPAS DO PROCEDIMENTO



O objetivo da investigação é responder a pergunta de partida.

O investigador formula a hipótese e procede com as averiguações exigidas. Ele vê se de fato as informações correspondem a hipótese.

Uma observação séria revela fatos inesperados, aos quais se deve interpretar e afinar a hipótese para que se tenha condições de aperfeiçoar o modelo de análise e propor pistas de reflexão e investigações futuras.

## EXEMPLO: o fenômeno religioso

**Hipótese:** os jovens são menos religiosos que os idosos.  
Após a observação dispomos das respostas às perguntas relativas aos indicadores e dimensões dos conceitos. É necessário trabalhar por componentes<sup>1</sup> elaborando para cada, uma síntese de informações.

Fazer o caminho inverso:

NORMAL

CONCEITO  PERGUNTAS

INVERSÃO

CONCEITO  PERGUNTAS

	INDICADORES DA DIMENSÃO IDEOLÓGICA			
	JOVENS		IDOSOS	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO
1. Crença em Deus	72%	28%	79%	21%
2. Crença no Diabo	14%	86%	25%	75%
3. Crença na alma	45%	55%	59%	41%
(...)				
10. Crença na reencarnação	13%	87%	14%	86%

**Quadro comparativo:** pode-se descrever as convergências e divergências.

Este índice corresponde à variável de “crença global”, fazendo a média dos dados pode-se verificar que a hipótese está correta, mas a diferença encontrada, basta para atestar a veracidade da hipótese?

<sup>1</sup>: ou dimensões;

## EXEMPLO: o fenômeno religioso

**Primeiro problema:** dos 10 dogmas apresentados, os jovens acreditam em média em 3 e os idosos em 5, para verificar se essa diferença é prova suficiente para aceitação da hipótese, existe um teste de comparação: teste das proporções ou o teste quiquadrado<sup>1</sup>.

Esse teste utiliza as porcentagens e cruza com o número da amostra, assim pode definir quanto de erro pode ocorrer em uma amostra de 100, nesse caso de 100 pessoas.

Crença em Deus	Amostra 1				Amostra 2			
	jovens		idosos		jovens		idosos	
	N	%	N	%	N	%	N	%
sim	288	72	274	78,3	108	72	59	78,7
Não	112	28	76	21,7	42	28	16	21,3
total	400		350		150		75	

$$\text{Qui}^2 = 3,92 \therefore P < 0,05 \quad \text{Qui}^2 = 1,16 \therefore P < 0,30$$

**Quadro comparativo:** a amostra 1 pode provar a hipótese, pois, tem-se 5 possibilidades em 100 de ocorrer um erro. Já a amostra 2 não comprova a hipótese, pois, a perspectiva de erro sobe para 30 a cada 100.

<sup>1</sup>: o livro não demonstra como fazer o cálculo, mas pode ser calculado por fórmula ou tabelado;

## EXEMPLO: o fenômeno religioso

**Segundo problema:** será realmente o fato de ser jovem o motivo da crença ou não em Deus?

**Hipótese:** as mulheres são mais crentes que os homens.

Verifica-se que ao inserir uma terceira variável (variável-teste), por vezes, a hipótese não é comprovada.

A seguir um exemplo de R. Boudon<sup>1</sup>.

Crença em Deus		Homens	Mulheres		
		Total	Total	Não ativas	Ativas
sim	N	397	488	348	140
	%	72	82	86	75
não	N	154	104	57	47
	%	28	18	14	25
Total: (N=100%)		551	592	405	187

**Quadro comparativo:** nesse exemplo ao se inserir a variável trabalho para o grupo das mulheres, verifica-se a quase igualdade de resultados se comparado aos homens. Sem essa variável-teste a hipótese seria provada de maneira incorreta, já que observa-se que não se deve ao fato de gênero, mas à ocupação profissional o fato de ser mais ou menos crente à Deus.

<sup>1</sup>: socialista francês, 27/01/1934;

Descrição e preparação;  
Análise das relações entre variáveis;  
Comparação: resultados esperados X resultados observados.

## 2.1 A PREPARAÇÃO DOS DADOS: DESCREVER E AGREGAR

Descrever os dados equivale a apresentá-los em quadros e gráficos de maneira mensurável, evidenciar as características de distribuição da variável.

Agregar os dados ou variáveis significa agrupá-los em categorias ou exprimí-los por um novo dado pertinente. Ex: a crença global: obtida pela média e desvio padrão.

Dados = respostas-informações obtidas por observação. Os dados apresentam diferentes estados de uma variável.

Variável = conceito que pode assumir mais de uma modalidade: Ex: nacionalidade, e idade. A variável pode ser:

Atributo: idade

Com várias dimensões: crença global

Nominal, pode ser ordenada:  
nacionalidade

Ordinal, ordenada e forma série  
contínua: satisfação

As variáveis podem ainda ser classificadas como qualitativas ou quantitativas, e devem ser empregadas de modo adequado, não podem ser tratadas da mesma maneira. Não é possível agrupar variáveis de medidas diferentes sem passar por um denominador comum.

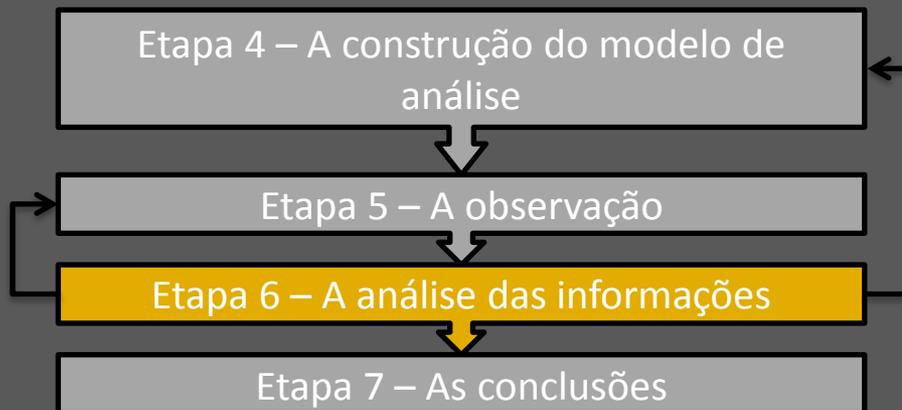
## 2.2 A ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS

Primeiro procede-se o exame das variáveis relacionadas à hipótese: podem ser elaboradas na fase de construção, no decorrer da análise ou como resultados de informações inesperadas. As variáveis-teste são inseridas pelas hipóteses complementares, ex.:

crença: homens x mulheres x profissão

As relações podem ser diversas, implicam em métodos específicos, mas o importante é revelar a independência, associação ou ligação lógica entre as variáveis.

## 2.3 A COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS OBSERVADOS COM OS RESULTADOS ESPERADOS E A INTERPRETAÇÃO DAS DIFERENÇAS



A hipótese é formulada com o propósito de se poder confirmá-la, mas se houver divergência entre os resultados esperados e os observados é provável que se tenha de buscar a origem das diferenças ou, elaborar uma nova hipótese a partir de uma nova análise.

## 3.1 A ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS

a) **Apresentação:** o uso de computadores e velocidade excepcional foi somado ao uso de técnicas antigas<sup>1</sup>. A quantidade de informação gerada pela informatização incitou os pesquisadores a estudar mais profundamente cada dado e sem nunca abandonar a reflexão teórica prévia que fornece dados coerentes e dão sentido ao trabalho.

b) **Variantes:**

Análise secundária: dados pré-existent

Tratamento de inquérito: por questionário

Método de análise estatísticos: método de análise de conteúdo<sup>2</sup>

c) **Objetivos para os quais o método é especialmente adequado:** aplicável em investigações que apresentam variáveis quantitativas, perspectivas de análise causal (não exclusivamente) e análise estatística (por questionário).

d) **Principais vantagens:** precisão e rigor; capacidade de trabalho em meios informáticos, agilidade; clareza nos resultados e relatórios de investigação.

e) **Limites e problemas:** nem todos os fatos importantes são quantitativos, a estatística pode ser limitada, não é explicativa (é o investigador que atribui sentido às relações).

f) **Métodos complementares:** análise secundária e tratamento de inquérito.

g) **Formação exigida:** boas noções de: estatística descritiva; análise fatorial; análise multivariada; prog. informáticos de gestão e análise de inquéritos.

<sup>1</sup>: a maioria dessas técnicas não pode ser abandonada; <sup>2</sup>: abordado pelos autores nos próximos capítulos;

## 3.1 A ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS

### h) Algumas referências bibliográficas:

BERTIN, J. (1977)	BOUDON, R. (1967)	BOUDON, R. (1993)	CIBOIS, PH (1991)
CIBOIS, PH (1994)	LAGARD, J. (1983)	ROUANET, H. ; LE ROUX, B,; BERT, M-C (1987)	
ROUANET, H. ; LE ROUX, B,(1993)			

## 3.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO

### a) APRESENTAÇÃO

- O método de Análise de Conteúdo implicam a aplicação de processos técnicos precisos
- Investigador elabora uma interpretação que não tome como referência seus próprios valores e representações

### b) PRINCIPAIS VARIANTES

#### Métodos de Análise de Conteúdo

Duas categorias:

Método Quantitativo  
Método Qualitativo

Método Quantitativo	Método Qualitativo
Extensivos	Intensivos
Informação de base a frequência do aparecimento de certas características de conteúdo	Informação de base a presença ou ausência de uma característica ou o modo como os elementos estão articulados aos outros

Análises  
Temáticas

Análise Categorical  
Análise da Avaliação

Análises  
Formais

Análise da Expressão  
Análise da Enunciação

Análises  
Estrutural

Análise de Co- ocorrência  
Análise Estrutural  
propriamente dita

## 3.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO

### c) OBJETIVOS PARA OS QUAIS O MÉTODO É PARTICULARMENTE ADEQUADO

- Análises das ideologias, dos sistemas de valores, das representações e das aspirações
- O exame da lógica de funcionamento das organizações
- O estudo das produções culturais e artísticas
- A análise dos processos de difusão
- A análise de estratégias
- A reconstituição de realidade passada não material

### d) PRINCIPAIS VANTAGENS

- Estudo do não dito, implícito
- Distância entre interpretações particulares
- Controle posterior do trabalho de investigação
- Metódicos e sistemáticos

### e) LIMITES E PROBLEMAS

- Baseiam-se em pressupostos e simplistas. Destaca a Análise categorial
- Análise Avaliativa é muito pesada e laborial
- Se a Análise de Conteúdo oferece um campo vasto de investigação, o mesmo não acontece com os outros métodos particulares. Existem vários métodos de Análise de Conteúdo

## 3.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO

### Recolha de Dados Qualitativos

Entrevistas semidiretas  
Recolha de documentos sobre o que a Análise de conteúdo se baseia  
Inquérito por questionários: perguntas abertas

### g) FORMAÇÃO EXIGIDA

#### Quantitativo:

Formação de base em estatística descritiva, em análise fatorial e em linguística.  
Fornecer ao computador direção muito precisas de classificação e de discriminação

#### Qualitativo:

Boa formação teórica

### h) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. (1993)	BARTHES, R. (1981)	REMY, J.; RUQUOY, D. (1990)
GHIGLIONE, R.; MATALON, B.; BACRI, N. ( 1985)		LEGER, J- M, E FLORAND, M. E. (1985)
GHIGLIONE, R.; BEAUVOIS, J.- L.; CHABROL, CL. ; TROGNON, A (1980)		

## 3.3 LIMITES E COMPLEMENTARIDADE DOS MÉTODOS ESPECÍFICOS: o exemplo da Field Research

- Nenhum dispositivo metodológico pode ser aplicado de forma mecânica
- Rigor no controle epistemológico → não deve ser confundido com rigidez na aplicação dos métodos
- Métodos devem ser escolhidos e aplicados com flexibilidade em função de:
  - a) Seus objetivos próprios
  - b) Do modelo de análise
  - c) Hipóteses
- Não existe o melhor método e sim o mais adequado e aplicado com discernimento crítico
- O processo de investigação não se baseia em aplicar receitas precisas e prontas, em ordem pré-determinada, mas sim em inventar, por em prática, controlar um dispositivo que responda as exigências. Isso se aprende com a prática.

## 3.3 LIMITES E COMPLEMENTARIDADE DOS MÉTODOS ESPECÍFICOS: o exemplo da Field Research

- O verdadeiro rigor não é sinônimo de formalismo técnico.
- Exemplo de recurso frutuoso à imaginação do investigador, da necessária coerência do conjunto da investigação e da complementariedade dos métodos → FIELD RESEARCH
- A *field research* constitui um exemplo de aplicação contemporânea de diferentes métodos de observação e de análise das informações
- Emprega uma pluralidade de métodos.
- Decorre de um pragmatismo metodológico cuja base é a iniciativa do próprio pesquisador com o lema de flexibilidade. Foca em grupos específicos para captar comportamentos e interações.
- O investigador sempre tem que decidir quando, onde, o que e quem observar.
- O *field researcher* é obrigado a refletir no seu posicionamento e no impacto do seu papel no andamento da investigação, sem negligenciar sua pergunta de pesquisa e as hipóteses.

**Field  
Research**

**Observação**  
**Entrevistas “semi-directivas”**  
**Análise secundária**

## 3.4 UM CENÁRIO DE INVESTIGAÇÃO NÃO LINEAR

- Da mesma forma que o *field research*, alguns estudos não possuem encadeamento linear

- **Hipóteses e perguntas são susceptíveis de mudanças durante o trabalho**

- Com isso, o trabalho empírico será sempre reorientado em função do aprofundamento na parte teórica.

- Isso dá origem a um processo de diálogo e de variáveis permanentes entre TEORIA e EMPIRISMO, assim como entre CONSTRUÇÃO e INTUIÇÃO.

- RUPTURA, CONSTRUÇÃO e a VERIFICAÇÃO devem ser mais respeitados quanto mais diversificado e flexível é o método adotado

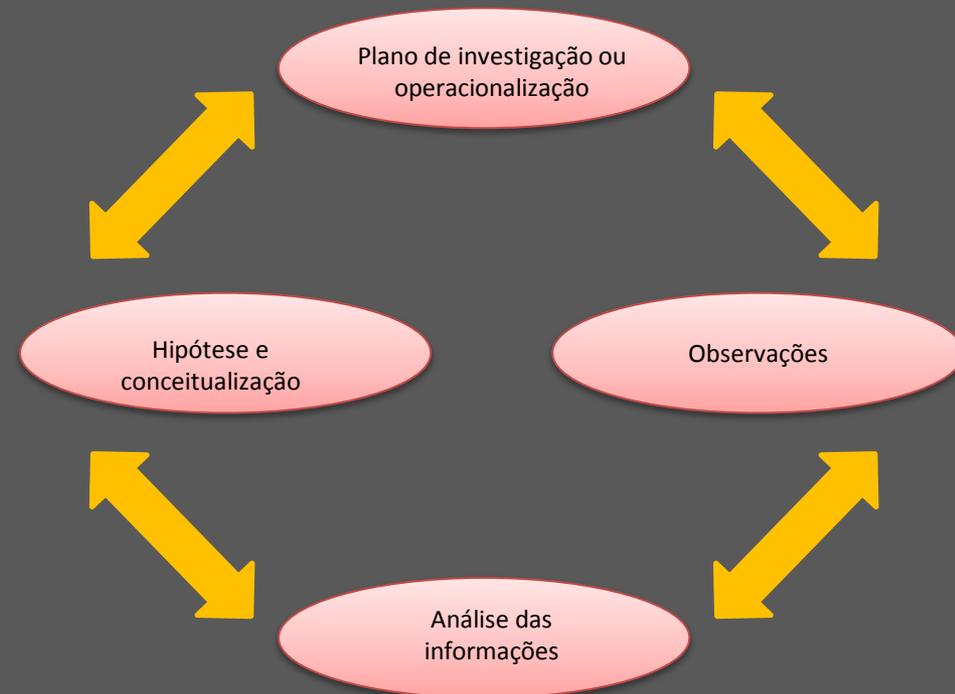


Figura 01: Adaptação ciclo das etapas da investigação.



**LISTA DE FIGURAS**

**Figura 01: Capa do livro. Fonte:**

**QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L.V. Manual de investigação em ciências sociais. 3.ed. Lisboa: Gradiva, 2003.**

**QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L.V. Manual de investigação em ciências sociais. 3.ed. Lisboa: Gradiva, 2003.**